

**ECONOMIA INDUSTRIAL**

**Aula 01 e 02: 04/03/2008 e 06/03/2008**

**Docentes: Carlos Nuno Castel-Branco; Carlos Vicente; Nelsa Massingue.**

**Conceito de Industrialização e Desindustrialização num contexto histórico.  
A avaliação do contributo económico da indústria.**

1. O contexto do debate:

- a. Perspectivas históricas sobre industrialização:
  - i. Divisão de trabalho na economia:
    - 1. A transformação dos recursos primários em outros bens de uso em grande escala
    - 2. A produção de meios de produção e a escalada tecnológica
    - 3. Sectores, relações inter-sectoriais, cadeias de produto e valor, economia espacial – a questão das ligações
  - ii. A organização social da produção:
    - 1. Trabalho assalariado e capital: separação entre trabalho e propriedade dos principais meios de produção
    - 2. A fábrica como núcleo para organização e desenvolvimento de recursos, capacidades, divisão do trabalho e cooperação. A questão da produtividade.
    - 3. Escala, escopo e produtividade – outros resultados da fábrica.
    - 4. Outras formas de organizar emprego em massa – subcontratações, etc.
    - 5. O fim do “mundo de Adam Smith” – contractos, sub-contractos, relações entre fornecedores e utilizadores, o mercado como elemento marginal nas relações entre as empresas, indústrias e redes
- b. Argumentos para industrialização:
  - i. Nacionalismo – “interesses nacionais”, “teorias de dependência” e os conflitos entre fracções do capital e o operariado
  - ii. Socialismo – a crença na industrialização e no seu papel na transformação das forças produtivas e das relações de produção: a transição do capitalismo industrial para o poder da classe operária
  - iii. Industrialização e “guerra fria”:
    - 1. Poder militar-industrial e auto-suficiência.

2. Industrialização e reprodução dos mecanismos de desenvolvimento
- c. Tipos clássicos de industrialização:
    - i. Focos de industrialização:
      1. Transformação agrária e industrialização: sinergias, unidade e conflito.
      2. Recursos nacionais e/ou transformação tecnológica
      3. Indústrias “maquilladoras”
    - ii. Mercados
      1. Substituição de importações versus orientação para exportações
      2. Cadeias de produto e valor – com e sem transformação produtiva
    - iii. Recursos:
      1. Investimento estrangeiro e capital nacional
    - iv. Formas de organização industrial:
      1. Empresas, integração vertical e horizontal, associações industriais e cooperação
2. Definições de industrialização – afinal o que é isto?
    - a. Crescimento de um sector da economia, em termos de percentagem do PIB, das exportações e do emprego
      - i. Produção “industrial”;
      - ii. Produção “manufactureira” ou da “indústria transformadora”
    - b. Desenvolvimento da malha económica em torno do sector manufactureiro – o “leading sector”;
    - c. Criação do “sector moderno” e substituição do “sector tradicional”: organização empresarial, produtividade, escala, objectivo – o triunfo da linha de produção fordista;
    - d. Aplicação generalizada da ciência e tecnologia na produção e serviços;
    - e. Industrialização em contextos sócio-económicos específicos:
      - i. O que valem as definições?
      - ii. Industrialização como processos de mudança das dinâmicas, das relações e da organização dos processos de acumulação.
3. A avaliação do contributo da industrial para a economia – debate em torno do conceito de industrialização:
    - a. Contributo directo
      - i. Sector manufactureiro
      - ii. Valor acrescentado da economia
      - iii. Absorção da força de trabalho
      - iv. Diversificação
      - v. Desenvolvimento tecnológico

- b. Contributo indirecto – impacto nos outros sectores:
    - i. Produtividade
    - ii. Recursos e ligações pecuniárias (ligações fiscais, balança de pagamentos, poupança e investimento)
    - iii. Potencial e dinâmica de acumulação e mercados
    - iv. Rede de ligações
    - v. Materialização do progresso tecnológico
4. Uma análise de mais detalhada de escolas de pensamento sobre industrialização e desenvolvimento:
- a. Diferentes teorias económicas abordam a relação entre industrialização e desenvolvimento de forma diferente por causa dos seus pressupostos sobre como é que a economia funciona, e ideias sobre quais são os aspectos importantes da análise económica;
  - b. Visão neo-clássica tradicional:
    - i. Alocação de recursos de acordo com as vantagens comparativas determinadas pela intensidade relativa de factores e reveladas pela operação do mercado livre;
    - ii. O aspecto central é a eficiência das trocas e dos mecanismos de troca;
      - i. Sectores não são importantes; o que importa é a eficiência individual de cada projecto (X-efficiency) e a sua eficiência económica (determinada pelo respeito pelas vantagens comparativas reveladas pelas forças do mercado).
  - c. Novos modelos de crescimento e a divergência dos padrões de desenvolvimento em favor de quem domina a tecnologia e, portanto, é intensivo em capital, qualificações e informação.
  - d. Estruturalistas e economistas de desenvolvimento clássicos:
    - i. Para estruturalistas, o que importa é como é que as diferentes componentes da economia formam uma estrutura que é adequada (ou inadequada) para promover o desenvolvimento;
    - ii. Industrialização e rendimento – qualidade de vida e efeito multiplicador;
    - iii. Industrialização e auto-suficiência – o modelo Indiano de Mahalanobis e o desenvolvimento da indústria de capacidade produtiva;
    - iv. Industrialização e desenvolvimento tecnológico;
    - v. Industrialização e termos de troca:
      - 1. As teorias sobre a tendência secular de deterioração dos termos de troca “barter” dos produtos primários em relação aos manufacturados
      - 2. Industrialização como alternativa
    - vi. Teorias de dependência: A economia política das transacções e das ligações internacionais; industrialização superficial e as

cadeias internacionais de produto e valor – industrialização e ruptura com o mundo capitalista internacional:

- e. Capacidades tecnológicas e industrialização
- i. Nathan Rosenberg: por que é que as economias intensivas em trabalho não desenvolvem tecnologias intensivas em trabalho e, ao invés, adoptam tecnologias intensivas em capital? Por que são tecnologicamente estagnadas e não desenvolvem **nenhuma** tecnologia.
  - ii. Capacidade tecnológica como condição necessária para industrialização e para que a industrialização gere desenvolvimento;
    1. A visão neo-clássica tradicional – tecnologia como blue-print; tecnologia induzida pelo mercado;
    2. Modelos endógenos de crescimento – tecnologia e os retornos crescentes do capital e do investimento;
    3. Modelos de crescimento cumulativo – tecnologia como forma de acumulação e de generalização dos ganhos da industrialização;
    4. Modelos de capacidades tecnológicas – tecnologia como o centro do processo de industrialização
  - iii. O que é capacidade tecnológica?
    1. Capacidade de identificar, adquirir, adaptar e utilizar a tecnologia, e também de inovar a partir da tecnologia existente;
    2. Capacidade de inovar e produzir tecnologia;
    3. Capacidade de inventar nova tecnologia;
    4. Capacidade de generalizar capacidade tecnológica e novas tecnologias.
    5. Capacidade de aprender individual e colectivamente; em instituições de ensino/formação/treino e/ou no posto de trabalho; aprendizagem por sinergia;
    6. Capacidade de criar e mobilizar recursos e capacidades e de os organizar para a promoção do progresso tecnológico;
  - iv. Tecnologia não é socialmente neutra, uma vez que afecta a forma como a produção é realizada, a riqueza gerada e distribuída, o excedente social utilizado, as relações industriais reestruturadas, as condições de competição alteradas, as rendas criadas e apropriadas.
  - v. Capacidade e desenvolvimento tecnológicos como respostas estratégicas
    1. As condições prevalecentes no mercado – procura, competição, regulação e standards;
    2. Condições prevalecentes na empresa – relações industriais, custos, racionalização, diversificação de produtos
    3. A procura de novos mercados, penetração em novas indústrias, criação de novas oportunidades;

4. Expansão, procura de rendas, e estratégias de influenciar as condições dos mercados e da competição;
5. Estratégia de aprendizagem;
- vi. Aspectos particulares da tecnologia:
  1. A questão da aprendizagem de conhecimento tácito
  2. Tecnologia como informação
  3. Inter-dependência tecnológica;
  4. Conflito e unidade entre estratégia tecnológica e tecnologia como resultado de pesquisa para atingir “um alvo em movimento”
- f. Kaldor, Young e outros e os retornos crescentes cumulativos:
  - i. A supremacia do sector manufactureiro – retornos crescentes cumulativos e irreversíveis;
  - ii. Tecnologia, bens de capital e produtividade – ganhos para o sector manufactureiro e para a economia como um todo;
  - iii. Rede de fornecedores – mecanismo de transmissão do impacto do sector manufactureiro no crescimento e desenvolvimento económico;
  - iv. Emprego e qualificações;
  - v. Ligações pecuniárias.
- g. Hirschman e as ligações económicas:
  - i. Desenvolvimento desequilibrado a partir de ligações e pressões;
  - ii. Maximização do potencial de ligações – estímulo económico e estratégias económicas como equivalente institucional dos estímulos económicos;
  - iii. Desenvolvimento da capacidade empreendedora dos agentes económicos;
  - iv. Indústrias de ponta e aprendizagem;
  - v. Quão importantes são as ligações inter-sectoriais?
    1. Ligações com outras indústrias, serviços, infra-estruturas e outras capacidades
    2. Um conceito mais amplo de ligações – processos em vez de sectores.
5. A questão do “leading sector” – o que é, qual é o sector, que puxa, ou empurra, os processos de desenvolvimento? Será que existe um “leading sector”? Ou a questão central é a natureza das ligações e agências desenvolvidas pelo processo de desenvolvimento?
6. O debate sobre desindustrialização é também derivado dos conceitos de industrialização e do contributo da indústria para a economia:

- a. Definições e debate:
  - i. Definições: redução do peso da indústria na economia (PIB, emprego e exportações).
  - ii. Debate:
    - 1. O conceito de desenvolvimento pós-industrial.
    - 2. Laissez-faire versus estratégia industrial para combater a des-industrialização;
  
- b. Evidência circunstancial:
  - i. Percentagem do VAI no PIB não aumenta ou reduz;
  - ii. Percentagem da força de trabalho absorvida pelo sector manufactureiro diminui
  - iii. Peso dos serviços e novas indústrias
  - iv. Produtos manufacturados estandardizados, redução das qualificações e queda dos preços
  - v. Tecnologias flexíveis dominam novos processos de desenvolvimento na era da informação.
  
- c. Discussão crítica da evidência circunstancial:
  - i. Redução da relevância ou efeito da industrialização? Redução do peso do sector manufactureiro na economia pode resultar dos ganhos de produtividade deste sector e a sua capacidade de impulsionar o resto da economia;
  - ii. Peso do sector manufactureiro é apenas um dos indicadores de industrialização, e quiçá nem mesmo o mais importante – a questão é como é que a actividade industrial impulsiona o resto da economia;
  - iii. Falso debate sobre sectores e inadequada compreensão da sua dinâmica. Quanto vale, hoje, a análise clássica assente em sectores da economia?
  - iv. O exagero da questão da tecnologia flexível.
  - v. O que é industrialização?
  
- d. A importância de perceber a natureza do capitalismo – será o capitalismo uma opção de “desenvolvimento” ou a maneira de gerar e apropriar “lucros”? Será industrialização algo inevitável? Será industrialização desejável? A questão dos agentes e ligações.
  
- e. Aspectos relevantes do debate:
  - i. Des-industrialização e contracção da economia em processos de estabilização e ajustamento – a perda de capacidade, a insustentabilidade do crescimento e padrão de industrialização e o impacto das políticas económicas de estabilização;
    - 1. o caso de LDCs
    - 2. casos em economias desenvolvidas
  - ii. Industrialização superficial, desarticulada e insustentável.
  - iii. Reestruturação do capital em torno de serviços improdutivos, especulativos e de curto prazo – impacto na balança de pagamentos, qualificações e emprego;

- iv. As cadeias globais de produtos e valor e a nova divisão internacional de trabalho – significância para as economias subdesenvolvidas.

7. Algumas considerações finais:

- a. Problemas com definições e tipificação:
  - i. Quais os aspectos escolhidos para definição e tipificação? Quão válidos são esses aspectos?
  - ii. Tendência de identificar estruturas e não ver as dinâmicas; a ausência de contexto histórico.
- b. O problema da “replicabilidade” das experiências de industrialização.
- c. A necessidade de perceber as dinâmicas sociais e económicas que guiam os processos de industrialização em contextos específicos.